

# Novos mercados para aço carbono

## Do serviço local e da sucursal

A China e a União Soviética, principalmente, e em menor escala outros países do Extremo Oriente e do Sudeste Asiático deverão comprar as chapas de aço carbono brasileiras que deveriam ser exportadas ao longo deste ano para os Estados Unidos.

A informação foi dada ontem em São Paulo por executivos de órgãos diretamente ligados ao comércio exterior. Para eles, o Brasil perderá um pouco em termos de receita em dólares, com o corte de 48% no volume de aço a ser exportado para os Estados Unidos durante este ano, porque os preços pagos pelos importadores norte-americanos são mais atraentes.

Essa perda de receita, todavia, deverá ser compensada por um entendimento entre os dois países para atenuar a atual onda protecionista norte-americana contra os manufaturados brasileiros exportados para lá.

Outra fonte ouvida acha, contudo, que o recuo brasileiro na questão do aço não terá nenhuma contrapartida norte-americana. Tal suposição, segundo a mesma fonte, fundamenta-se em dois fatos: a campanha eleitoral de Reagan e a represália contra a política de reserva de mercado adotada pelas autoridades brasileiras para o setor de informática.

## TÊXTEIS

Já em maio, segundo essa mesma fonte, deverão ser adotadas medidas

retaliatórias por parte dos Estados Unidos contra as exportações brasileiras de têxteis e isso deverá durar pelo menos até que sejam fixadas as novas cotas de exportação desses produtos para o período maio/84 a abril/85, visto que o atual acordo em vigor termina este mês.

## RECUE ERRADO

Por sua vez, o diretor do Departamento de Comércio Exterior (Decex) da Fiesp, Jamil Nicolau Aun, classificou de totalmente errado o recuo brasileiro na questão do aço. "Se o governo admite mudar exportações", disse o empresário, "deveria também admitir mudanças nas condições impostas pelo FMI".

Aun entende que caberia às autoridades brasileiras esclarecer as novas opções do País antes de anunciar o recuo.

## INTERMEDIÁRIA

Ontem, em Belo Horizonte, o presidente da Siderbrás, Henrique Brandão Cavalcanti, afirmou que a cota de 430 mil toneladas para exportação de quatro produtos de aço carbono para os Estados Unidos, fixada espontaneamente pelo Brasil para este ano, representa "uma posição intermediária entre a pretensão brasileira e a posição dos Estados Unidos".

Para ele, a decisão de autolimitar a exportação de chapas grossas de carbono, chapas de aço carbono em bobinas, bobinas a quente e bobinas a frio, solução, de maneira razoável, o impasse

em torno da questão, já que dá margem a que outros produtos aumentem sua participação no mercado norte-americano. Além disso, ele espera que com essa decisão se consiga eliminar a sobretaxa imposta ao produto brasileiro pelos Estados Unidos.

O presidente da Siderbrás disse que as exportações brasileiras de aço devem atingir a três milhões de toneladas de produtos acabados este ano, sendo esperada, também, a colocação de 800 mil a um milhão de toneladas de placas da usina de Tubarão.

## MUDANÇA DE DIRETORIA

A assembléia geral de acionistas da Açominas realizada ontem, em Belo Horizonte, aprovou a mudança de sua diretoria, cujo presidente, Moacélio Mendes, se encontrava há nove anos no cargo. Ele foi substituído por Miguel Augusto Gonçalves de Souza, empresário que já ocupou várias funções públicas em Minas Gerais, entre as quais as de secretário da Fazenda, secretário de Governo, presidente do Banco Credreal e da Fiat Automóveis.

Apesar de o presidente da Siderbrás, Henrique Brandão Filho, apontar a saída de Moacélio Mendes como um fato normal, decorrente de uma assembléia de acionistas (na qual, na verdade, quem decide é a Siderbrás), sua queda foi interpretada como resultado do pronunciamento feito no dia 29 de março na Assembléia Legislativa, quando criticou o descaso federal para com aquela siderúrgica.